

PRESERVAR PARA APRENDER: A TRAJETÓRIA DE PERCIVAL LAFER

Tammy Levy¹
Aline Nassaralla Regino²

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie

A entrevista com Percival Lafer foi realizada, em julho de 2024, durante a pesquisa e elaboração do Trabalho Final de Graduação intitulado: “Museu do Design Brasileiro: a preservação do acervo doméstico no Brasil” (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie).

Para esta revista foram selecionadas perguntas e respostas que registrem a trajetória pessoal e profissional deste importante arquiteto e designer, bem como a história e legado da Lafer, empresa do ramo moveleiro nacional que obteve grande destaque pela qualidade, inovação e design.

Ressalta-se que a importância de Percival Lafer transcende essas poucas páginas. Sua obra foi objeto de estudo de muitos pesquisadores, tamanha sua relevância para a cultura e design brasileiros. Neste sentido, Gabriel Gutierrez (2018, p. 182) afirma:

Percival Lafer esteve no interstício do que podemos chamar de últimos suspiros do movimento moderno no Brasil e os diversos que seguem. Percival concatenou variantes de projeto e industrialização, e assim construiu um império, por meio de um pensamento liberalizante. [...]. Lafer consolidou, assim, uma trajetória particular que pode nos dar pistas para reavaliar o real lugar do design enquanto instrumento adequado para o devir humano.

Podemos, então, questionar o que se pretende com a publicação dessa entrevista? E a resposta é bastante simples: divulgar para as novas gerações de arquitetos, arquitetas e designers a experiência e coragem desse grande profissional, com o intuito de inspirá-los a conhecer e pesquisar com mais afinco os/as arquitetos, arquitetas e designers nacionais, aqueles e aquelas que souberam traduzir a cultura brasileira em suas obras.

Tammy Levy (T.L.) Tenho algumas perguntas que eu desenvolvi para essa conversa para termos um guia. Queria começar falando sobre o começo de tudo, como foi a trajetória da sua família? Seus pais são imigrantes europeus, como se deu a vinda deles para o Brasil?

Percival Lafer (P.L.) Bom, eles vieram seguindo o fluxo de imigrantes judeus que saíram da Polônia procurando uma vida melhor, depois da Primeira Guerra Mundial. Foi em 1923.

¹Graduada em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2024).

²Doutora em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo (2011), Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2006), Especialização em Restauro e Patrimônio na Universidade Cruzeiro do Sul (2004), graduada em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2002). Professora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

T.L. Seu pai quando chegou aqui era comerciante ambulante. Ele trabalhava com a venda de móveis? O que ele vendia?

P.L. Não, os móveis vieram depois. Ele era um ambulante vendendo, de porta em porta. Era o que muitos imigrantes faziam naquela época, não tinha dinheiro né, então não dava para ter um estabelecimento. Olha eu nem sei (risos), mas normalmente seria tecido, roupa, alguma coisa assim.

T.L. Como começou o trabalho dele com móveis?

P.L. Na verdade, eu não sei por que ele escolheu se estabelecer com móveis, foi diferente da maioria dos judeus dessa época, que iam em direção, por exemplo, ao Bom Retiro, que era o bairro que atraía os judeus, e se dedicavam às vestimentas, de modo geral. Agora, o porquê meu pai decidiu não ir para o Bom Retiro e foi para o Cambuci, e se dedicou aos móveis e não aos tecidos, eu não sei te explicar, acho que ele procurou ser diferente do resto. Fundou a loja em 1927.

T.L. E a loja começou como? Ele ainda não desenhava.

P.L. Não, não, nada disso. Era um comércio puro e simples. Então ele procurava fábricas de móveis, e virou comerciante, um lojista, como tantos outros que só revendem.

T.L. Queria saber um pouco mais sobre suas experiências pessoais de formação, antes de começar a trabalhar com os móveis. O senhor se formou em Arquitetura no Mackenzie, correto? Em qual época? Pode contar um pouco sobre a época que estava na faculdade, quais foram os acontecimentos e como era o ambiente na universidade?

P.L. Isso. Eu me formei em 1959. Nessa época, a arquitetura ainda não era uma profissão com uma expressão de criação, de desenvolvimento de projetos, como depois veio a ser. O arquiteto era, às vezes, convidado para fazer a fachada do prédio, então não tinha uma expressão, do profissional arquiteto como o responsável para conceber toda a edificação. E a minha época na faculdade, foi uma luta dos arquitetos para se impor como profissionais. A arquitetura contemporânea [*Arquitetura Moderna*] estava em pleno auge, por exemplo: era época da construção de Brasília. Então foi um movimento muito intenso do desenvolvimento da arquitetura.

T.L. Você acredita que esse espírito que vivenciou na faculdade de arquitetura influenciou o que você veio a desenvolver depois, no desenho dos móveis?

P.L. Sim, com certeza.

T.L. Antes de falarmos sobre como começou suas funções no setor de mobiliário, você chegou a atuar como arquiteto, projetando edificações? O senhor pode contar um pouco sobre essas produções?

P.L. Sim fiz algumas, mas por questões inesperadas, quando eu me formei em 1959, logo em seguida ocorreu o falecimento do meu pai. Teve a *Shiva* [semana de luto judaico], e durante a *Shiva* eu e meus irmãos conversamos sobre como ia ser o negócio do nosso pai, que naquele momento já estava bem consolidado, ele era um homem muito empreendedor. Já tinha um nome bastante forte no mercado como lojista de móveis, então decidimos dar continuidade ao negócio. Eu estava terminando a faculdade para ingressar na profissão de arquitetura, e aconteceu essa virada, essa decisão. Aí eu comecei a trabalhar de fato na empresa Lafer. Cheguei e pensei “bom o que eu vou fazer aqui?”, não tinha o menor talento para o comércio. E além da arquitetura, o espírito de industrial que eu tinha dentro de mim, sempre existiu, de criar coisas e produzir. Desenvolver projetos não só de arquitetura, mas também de desenho industrial, que era uma coisa muito incipiente ainda naquele momento. Então, dentro da loja mesmo, nos fundos, tinha uma pequena tapeçaria, onde meu pai fazia reformas para clientes. E aí eu comecei a brincar, fazer croquis, eu queria fazer alguma coisa pensando em industrializar. E no caso, móveis, que foi por um acaso, se eu tivesse herdado sei lá, uma firma de moda, eu industrializava aquilo (risos). Então, foi assim que começou. Eu fiquei rabiscando e botei uma poltrona, mas já pensando em termos de fazer uma coisa contemporânea, totalmente diferente daquilo que meu pai vendia na loja. E foi assim que ingressei no mundo dos móveis.

T.L. Você começou com a MP1, que foi a primeira. Como foi desenhá-la, teve alguma inspiração mais marcante e qual a característica principal que você buscou?

P.L. A primeira motivação para essa poltrona era fazer um produto de bom desenho. E mais do que isso, foi pensando na industrialização em grande série. Então a concepção do produto teve um desenho que tivesse conceitos construtivos contemporâneos, que não

era comum. Os móveis que existiam na época eram super convencionais, a moda antiga. O meu era, nesse sentido, eu diria, quase que revolucionário. Eu não usava os mesmos materiais que se usavam na época com o estofamento, com molas, com crina vegetal. Eu entrei diretamente no mundo da espuma de poliuretano, que era um material relativamente recente na época, e costumava ser usado como um material de acabamento, e não de base da confecção do móvel estofado. Então ela tinha apenas uma estrutura de madeira, o corpo da poltrona, e tinha uma estrutura metálica que aí já tinha influência dos conceitos de arquitetura, e eu boleei o que eu chamei de “madeira armada”, como existia o concreto armado, então eu falei assim “vou fazer uma coisa com a resistência de uma estrutura metálica e juntar esse perfil metálico com a madeira nobre, e vou conseguir uma estrutura esbelta, com aparência de madeira, e o metal fica muito pouco a vista.” Então resultou na poltrona MP-1, ela tem a base metálica, mas que quando você olha, você vê 90% de madeira. Então isso vem do próprio espírito do arquiteto.

T.L. Você acha que a experiência de conceber um projeto de arquitetura se difere do de criação de um móvel ou é parecido?

P.L. Bom, eu acho que em concepção é muito similar, o pensamento. Agora é claro que as funções do resultado daquilo que você projeta é outro. Um é para você ter dentro da casa e o outro é a casa. E a diferença do meu trabalho e do trabalho dos arquitetos que também faziam móveis, eles faziam para um público que entendia essa linguagem, e a minha ambição era colocar o design não para esse público, mas para um público maior, para o mercado inteiro. Era popularizar o design, essa foi uma das grandes diferenças do meu trabalho comparado com o trabalho dos outros arquitetos.

T.L. O que fez com que você fosse tão entusiasta pela industrialização e pela produção em massa? Pois, a meu ver, parece ser um equilíbrio muito difícil e intenso entre produzir uma peça autoral e industrializada ao mesmo tempo.

P.L. Isso é uma coisa que acho que estava no meu gene (risos). Desde criança eu gostava de fuçar as coisas assim, de brinquedos mesmo, eu desmontava para ver como eram construídos. Então eu tive isso desde sempre, de criar e inventar alguma coisa.

T.L. O seu trabalho como designer não se limitava somente ao desenho, você sempre pro-

curou entender como o móvel ia funcionar e acompanhar a produção da peça até o final?

P.L. Quando eu comecei, o meu trabalho era total, de ponta a ponta.

T.L. Sobre o desenvolvimento da empresa, na época do seu pai a loja se chamava Lafer, e aí com o seu trabalho já se transformou em uma marca mesmo, que veio a se chamar Móveis Patenteados Lafer (MP Lafer), correto? Como foi essa mudança?

P.L. Isso foi outra vez, o meu desejo pela inovação e pela criação exclusiva. Veja, esse nome eu criei imediatamente depois de desenvolver a primeira poltrona. Então, por que Móveis Patenteados? Eu pretendia realmente, pelo diferencial dos meus desenhos, e pensando no futuro, queria fazer uma coisa que não fosse copiada. Então eu decidi patentear todos os meus projetos, e aí veio esse nome.

T.L. E depois disso foram sendo desenvolvidos os próximos móveis. Depois da MP-1, quais peças foram mais marcantes nesse início? Você pode contar um pouco mais sobre essas peças?

P.L. Sim, sim. Teve o MP-7, e dá para falar sobre a numeração dos móveis. Ficaram todos com número ímpar, foi do MP-1, 3, 5, 7, 9.

T.L. Verdade! Tem algum motivo para essa lógica da numeração?

P.L. Na verdade tem (risos). O meu irmão, Oscar, que também é arquiteto. Eu me casei um ano depois de começar a fabricação, em 1962, e fiz uma viagem de lua-de-mel bem grande, aí que tempo bom (risos). E quando eu voltei, meu irmão tinha feito um desenho de uma poltrona, e eu falei “nossa que coisa”, mas eu era muito ciumento com o trabalho que eu fazia. Então a poltrona dele era MP-2, aí foi indo, eu criei uma sequência que eu já chamei de MP-3. Por causa disso foi tudo ficando com número ímpar. Uma explicação meio boba, mas aconteceu assim. Então teve o 1, o 3, 5. E, nesse momento, eu me propus o desafio de criar um sofá-cama que fosse completamente revolucionário. Naquela época os sofás-camas eram grandes trambolhos, pesados e feios. Tinham um mecanismo que existia na época que fazia um click, você levantava o assento e dava um click, baixava, e isso formava a cama. E eu quis inventar uma coisa completamente diferente, com desenho

contemporâneo. Aí foi meu primeiro projeto baseado em mecanismos. Porque até então era só forma e estrutura estática, então o MP-7 foi uma coisa muito diferenciada em relação ao que existia no mundo, que funcionava com um pedal, você apertava o pedal e abria, e apertava de novo o pedal e fechava. E foi um ponto de inflexão naquele momento, tanto que entramos com publicidade a nível nacional, começou então a se expandir.

T.L. Seguindo um pouco a cronologia do tempo, essa foi, pelo que entendo, a primeira fase da sua marca de fato, aí entramos na época da ditadura militar nos anos 1960. O que você pode contar sobre essa época? Como essa situação afetou o seu trabalho?

P.L. Teve uma influência muito grande. O governo militar tinha como um dos objetivos fazer o Brasil ser uma potência exportadora de produtos, porque o Brasil naquela época exportava só café, e matérias primas assim básicas. E o governo militar queria expandir o Brasil como um país industrial que exportava produtos industriais. Então tinha uma feira que estava programada na Suécia, em Gotemburgo, e o Brasil comprou uma área, para oferecer aos brasileiros que tinham vontade de mostrar seus produtos no exterior. E aí eu participei de uma reunião que teve na FIESP, na Federação das Indústrias, e eles convidaram Deus e o mundo, para saber quem estava interessado em participar dessa feira. Bom, eu fui o primeiro a levantar a mão. Essa data, essa oportunidade, foi muito importante. Você vê, eu já tinha na minha cabeça que eu queria vender para todo mundo, então falei “se tem uma feira na Suécia, que maravilha!” Porque a Escandinávia, ainda é, mas naquele tempo era uma grande referência no campo do design, e então pensei vou lá para aprender. Chegando lá, meu produto estava sendo apresentado junto com fabricantes de conserva em lata, tudo que você pode imaginar de produtos industriais. De móveis acho que era só eu. E foi assim que começamos a expandir para fora.

T.L. Quais produtos vocês expuseram nesta feira, tinha algum produto específico?

P.L. Tudo que já tinha desenvolvido até aquele momento. O sofá-cama MP-7 também já estava lá. E os produtos agradaram, e assim começamos a vender na Suécia.

T.L. E esses produtos eram exportados, mas tinham características, que olhando agora, podemos chamar de brasileiras. Isso foi uma influência na sua maneira de projetar? De fazer um produto com caráter nacional ou ainda tinha muita influência europeia?

P.L. Eu acho que era uma mistura de tudo. Eu observava o que existia no mercado e tudo servia como *input* para desenvolver as coisas, tanto influências brasileiras quanto estrangeiras. A exportação continuou se expandindo até o fim da nossa fábrica, em 2023. Agora, faz pouco tempo. A exportação então começou devagarinho lá com a Suécia e foi crescendo, conquistamos depois a Alemanha, que já foi uma outra história, mercado muito maior. Fizemos uma filial nossa na Alemanha, era uma armazenagem e loja para distribuir para o país todo. E depois daí foi para os Estados Unidos, que foi onde teve uma grande expansão, no mercado americano.

T.L. Com essa expansão de mercado e de venda, você começou a explorar o uso de outros materiais? Por exemplo, quando olhamos os produtos desde a MP-1 até as peças mais novas, como foi essa transformação, na questão tanto de materiais quanto de desenho e projeto?

P.L. Inicialmente a gente usava como componentes madeira e estofamento, obviamente. Depois nós seguimos com a evolução tecnológica na nossa fábrica, que já era de um tamanho razoável, e eu fui atrás de tecnologias que permitissem uma industrialização maior. Foi aí que nós começamos a trabalhar com a fibra de vidro, foi um ponto importantíssimo. A fibra de vidro permitia que fizéssemos formas esculturais, e não apenas trabalhar com materiais que não davam para moldar, então abriu a possibilidade de fazer novas formas. Em seguida, introduzimos a injeção de espumas, nós produzimos a nossa espuma, e era moldada em moldes de fibra de vidro. Então isso trouxe uma abertura gigantesca para a criação, e para fazer móveis muito mais personalizados, que podem ter formas únicas. E a partir daí, com o trabalho com essas novas tecnologias, eu comecei a pensar em mercados que iam além de móveis, como mobiliário urbano. Então, nós ingressamos no mercado dos orelhões. Foi a primeira diversificação, além dos móveis. Aí também veio um projeto muito legal, que foi o desenvolvimento de um quiosque para um *gelato*, para venda de sorvete.

T.L. Como foi que esse projeto chegou em você?

P.L. Acho que foi a Kibon que me procurou e eu projetei esse conceito. Bolei uma coisa que a tampa dessa caixa, ela subia. Então você levantava que nem um guarda-chuva, e essa tampa já servia de cobertura para a pessoa que estava trabalhando.

T.L. Então a pessoa entrava dentro dessa caixa e quando saía fechava.

P.L. Exato! Quando acabava o expediente fechava que nem uma lata. Aliás, desse projeto eu recebi um prêmio do Instituto de Arquitetos do Brasil.

T.L. Muito legal! Uma outra questão que eu queria entender melhor, em vários projetos pelo que eu estou vendo, as peças eram desmontáveis... Qual foi o princípio por trás disso?

P.L. A desmontabilidade dos móveis era uma obsessão minha. E se acentuou com a exportação, por causa do transporte. Na época, hoje não é tão caro, na verdade acho que voltou a ser caro por causa da crise da pandemia, mas naquela época o frete para mandar um produto para os Estados Unidos pesava bastante no custo. Então eu concebia tudo para ser desmontável e facilitar o transporte. E, naturalmente, na própria fabricação, o móvel sendo desmontável, facilitava na armazenagem, ocupava menos espaço.

T.L. Então foi uma questão de logística mesmo.

P.L. Sim, exatamente, o termo é esse, logística.

T.L. Bom, também não tem como não mencionar o carro né, como isso aconteceu?

P.L. A nossa fábrica já estava tecnicamente muito verticalizada, então tinha domínio lógico, com a parte do estofamento, mas também com a parte da madeira, a parte metalúrgica, que nós já tínhamos um departamento só de estruturas metálicas, depois a confecção de peças em fibra de vidro. Então em termos técnicos a gente tinha qualificação para fazer qualquer coisa dentro disso. E automóveis era uma coisa que eu brincava desde criança, eu tinha paixão por automóveis. E naquela altura surgiu nos Estados Unidos a primeira réplica de um automóvel, um Mercedes 1928, que começaram a fabricar e vender lá. E já estávamos vendendo muito móvel nos Estados Unidos, e eu pensei “olha só essa oportunidade, a gente entrar no campo de fazer carros, bolar um automóvel e estourar o mercado americano”. Então surgiu como base, o que foi feito nos Estados Unidos, que era uma réplica de um carro antigo, então pensei em seguir essa receita para lançar um produto no mercado americano, que já tínhamos um know-how por causa da exportação de móveis. Então aí surgiu a ideia de usar o MG inglês, de 1950. Veja, isso aconteceu em

1972, ou seja, o MG inglês era um carro de 20 anos atrás na época. Então o MG era um carro com características esportivas, e eu queria trabalhar na imagem desse carro para transformar em um carro que dava para ser usado no dia a dia. E foi isso que aconteceu. Foi uma guinada assim muito forte, evidentemente, em termos de mercado. O automóvel foi assim, uma coisa que as pessoas falavam muito “mas como, você tem uma fábrica de móveis e foi fazer um automóvel?” e eu respondia “olha, para mim, o automóvel é um sofá sobre rodas”.

T.L. É mesmo! Simples assim. E esse carro vendeu aqui também ou só lá fora?

P.L. O engraçado é que ele foi projetado para vender fora, mas foi vendido no Brasil. Porque naquele momento, por circunstâncias, foi proibida a importação de automóveis no Brasil, só naquele momento. Foi no começo dos anos 1970, logo após o lançamento. Então o meu MP virou uma alternativa para um carro importado, então quem queria comprar um carro importado e não podia mais, comprava o MP. Foi assim que se expandiu, foi uma coincidência. E ao contrário do que eu previa, tivemos uma dificuldade na aprovação nos controles que existiam nos Estados Unidos, então acabamos não conseguindo aprovar o carro lá, e o mercado do Brasil se tornou o principal.

T.L. Paralelamente a isso, o senhor continuava produzindo móveis, ao mesmo tempo que todos esses outros produtos, correto? Ultimamente como foi o desenvolvimento dos móveis, digamos assim, dos últimos 20 anos? Tanto na questão de materiais, desenho.

P.L. Os produtos têm duas fases na concepção. Então até o fim do século, os móveis dominantes na nossa produção eram os móveis com estruturas de madeira aparente, espumas moldadas. E aí com a crise do petróleo, acho que foi no final dos anos 1970, que teve a guerra. Naquele período, o petróleo teve uma disparada de preço. E aqueles móveis que a gente vendia na época tinham o grande diferencial que era ser 80% de espuma injetada, que vendíamos muito. O custo desse móvel explodiu, porque explodiu o custo da espuma. Isso trouxe para nós uma consequência muito grande, porque os grandes clientes nossos na época eram as grandes lojas de departamento, eles compravam toneladas dos nossos sofás, e não aceitavam o reajuste de preços que tínhamos que fazer. Isso foi um grande baque para nós, tivemos que dar uma reviravolta na concepção dos produtos. Usando espuma de outra forma, sendo ainda

um dos componentes do móvel, mas não o principal. Foi aí que desenvolvi os produtos articulados, como as poltronas articuladas, que foram o carro chefe a partir daquele momento até o final.

T.L. E durante toda a produção da empresa você sempre pensou em tudo, desde o desenho até como seria produzido para chegar no resultado?

P.L. Sim, isso sempre.

T.L. Para fechar, queria saber se você tem algum comentário sobre o que é design para você? Se fosse definir o seu trabalho, de acordo com Percival Lafer, o que você diria?

P.L. Eu sou muito cri-cri em relação a detalhes construtivos, mas assim, quem julga o desenho de fora sempre fala: “Isso aqui deve ser do Percival” porque tem muito detalhe construtivo aparente. Então o que eu gosto de fazer é pensar nos detalhes, às vezes quando eu estou dormindo, penso no detalhe que estou tentando inventar e aparece em um estalo a solução. Isso é uma característica minha, que eu nunca tinha prazo para terminar um projeto, eu ficava pensando até sair do jeito que queria.

T.L. Hoje em dia você ainda desenha, nem se for como *hobby*?

P.L. (risos) Sim, é um *hobby* meio suspeito.

REFERÊNCIAS

LEVY, Tammy. Museu do Design Brasileiro: a preservação do acervo doméstico no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.

GUTIERREZ, Gabriel Dozzi. Percival Lafer: projeto e industrialização no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Texto enviado em: junho de 2025

Texto aceito em: julho de 2025